



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

1. A REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO

BELO HORIZONTE, 31 DE MARÇO DE 1965.

NO PALACIO DA LIBERDADE, SOBRE O 1º ANIVERSARIO DA REVOLUÇÃO.

Ao evocar, no Teatro Santa Isabel, no Recife, os dias gloriosos do Abolicionismo, proferiu Joaquim Nabuco esta sentença, famosa nos anais da eloquência brasileira: "Aqui se fêz a Abolição". Hoje, falando na heróica Minas Gerais, do Palácio da Liberdade, bem posso dizer-vos que aqui começou a Revolução.

De fato, com um ano apenas de distância, o País ainda está bem lembrado das emoções e das esperanças suscitadas quando correu pelo território nacional a notícia de que Minas Gerais, tão celebrada pela prudência e pela determinação de sua gente, a mesma da Inconfidência e a mesma que dobrara os sinos à passagem de Pedro I, aqui se levantara em armas contra a subversão a corrupção, que punham em iminente perigo tôda a nacionalidade.

Não era, porém, um desses movimentos isolados, que são, por vêzes, a centelha depois da qual vemos se estenderem rapidamente as labaredas.

Longe disso, a corajosa iniciativa sabia-se associada a idênticas decisões já tomadas em importantes setores do País, que, após tôdas as tentativas e concessões no sentido de evitar a rutura da ordem legal, acabara por convencer-se de que sòmente a Revolução salvaria as instituições. Tanto se tornara evidente o propósito do Governo em subvertê-las e destruí-las. A Federação, por exemplo, no que ela representa como autonomia dos Estados e respeito da União pelos seus Governos, como que deixara de existir. Em verdade parecia inexoravelmente.

Saltava aos olhos a determinação de esmagar a Guanabara. E tôdas as intimidações foram lançadas e tentadas contra essa Unidade da Federação. E, por último, esgotados os outros meios, até o seqüestro do Governador foi tentado numa lamentável e triste operação militar. Felizmente, Govêrno e povo mostraram-se mais fortes do que a agressão.

Também contra São Paulo haveria de voltar-se o embuste da intimidação, método com o qual se esperava angariar apoio para o sacrifício da democracia. A ameaça, entretanto, serviu apenas para que o seu Governador, fiel aos arraigados sentimentos paulistas, constituísse com êstes uma barreira, que seria decisiva na marcha dos acontecimentos.

Concomitantemente, igual tentativa haveria de alcançar o Rio Grande do Sul, prêsa naturalmente ambicionada, sobretudo depois de expressiva manifestação eleitoral. Mas ainda aí haveria de esbarrar diante da serena resistência contra o cêrco à autonomia e à política estatal dominante.

Na realidade, por todos os demais Estados vimos se mobilizarem ativos núcleos de resistência, que de maneira inequívoca demonstravam que o País não estava disposto a ceder aos que desejavam suprimir a liberdade. Era a Nação consciente a reclamar o direito de continuar a conduzir o seu próprio destino.

Mas, ao mesmo tempo em que se formavam, organizavam e fortaleciam êsses pontos de resistência estadual, também a Nação, por vários setores dos mais importantes na sua vida, mobilizava-se numa generalizada demonstração da decisão de que estava possuída. E, polarizando-a, animando-a e advertindo-a, tínhamos a imprensa, que, dada a sensibilidade que lhe é própria, podia captar com antecedência os sintomas da agressão que se aproximava.

Era assim a própria opinião pública que se expandia num clamor contra a desordem e o desgovêrno. E dela não houve melhor e mais brava intérprete do que a mulher brasileira, que se atirou à luta com um denôdo incomparável. Aqui mesmo em Belo Horizonte foi emocionante o que logrou fazer com uma energia sômente explicável pela fé que a animava. E em São Paulo, graças a ela, vimos desfilar uma caudal humana que bem deu a medida

dos verdadeiros sentimentos do Brasil. Simultaneamente, víamos estudantes isolarem-se de companheiros prêso às verbas da subversão, do mesmo modo que operários abandonavam as cúpulas dos pelegos custeados pelas verbas do Ministério do Trabalho. E as classes empresariais se afastavam do poder da corrupção.

Histórica foi a resistência do Congresso, que estêve à altura de mandatário do povo brasileiro. Nêle se abriu uma valorosa trincheira, que não se submeteu às pressões de tôda a sorte contra êle tenazmente dirigidas. E foi da sua tribuna que a Nação ouviu a denúncia sôbre a guerra revolucionária imaginada pelos inimigos da democracia.

Natural, portanto, que a êsse quadro, no qual víamos integrada tôda a Nação, também se viessem juntar as Fôrças Armadas, que, ainda uma vez no curso da História, não fariam mais do que bem interpretar as aspirações nacionais. E pelos seus chefes militares, coesos com os componentes de todos os escalões e reforçados por resolutos oficiais da reserva, vimo-las afastar-se do Poder, fiéis aos sentimentos do Brasil. Asseguraram assim a restauração da ordem e garantiram a reposição do Brasil no seu verdadeiro caminho. O extraordinário não é apenas o que elas fizeram para que os brasileiros continuassem a viver como desejam, dentro da ordem jurídica e da democracia. O extraordinário é a maneira por que, graças à compreensão e ao patriotismo da quase totalidade dos seus integrantes, conseguiram restabelecer a ordem e a tranqüilidade sem maiores traumatismos para a Nação.

Realmente, por mais que os governantes se houvessem distanciado do povo, é admirável havermos podido vencer crise tão grave sem os percalços de uma sangrenta luta armada.

É que a 31 de março não assistimos a um golpe militar, e sim à comunicação de tôdas as fôrças da nacionalidade, irmanadas na aspiração de salvar o Brasil da subversão. E em Minas Gerais, no momento em que seu Governador, em coordenação com destemidos chefes militares, resolveu iniciar o movimento de restauração da legalidade, o que vimos foi correrem para aqui, como águas que buscassem o estuário comum, o que o Brasil possui de mais representativo. Baseou-se assim o dia "D" na decisão, na ação

e no impulso de Minas Gerais, cuja história registrará mais êsse inolvidável serviço ao Brasil.

Hoje, como Presidente da República e Chefe do Governo legal da Revolução, falo aos revolucionários de 31 de março. Antes de tudo para dizer-lhes que permanecem imaculados os ideais que inspiraram o glorioso movimento iniciado em Minas Gerais, pela união do Governo, do povo e das Forças Armadas. É possível e inevitável constatar-se a existência de irrelevantes divergências em tôrno do processo governamental. Serão discordâncias de superfície. No fundo, aquêles ideais da Revolução, e graças aos quais pudemos tão bem interpretar as aspirações do povo brasileiro, continuam vivos e a nos unir cada vez mais. São êles que fazem com que a Revolução, ao celebrar-se hoje o seu primeiro aniversário, esteja ainda forte e mais funda no coração dos brasileiros de tôdas as condições e de tôdas as regiões da Pátria. Todos fiéis ao juramento de jamais voltarmos àqueles dias negros, que eliminamos no passado e os brasileiros não permitirão no futuro.